

MATERIAL EDUCACIONAL  
C O V O M A T E R I A L  
P I N A C O T E C A M  
A T D E M A U Á U C A  
T A T E R I A L  
E U M A C E R V O M  
A T Q U E G U A R D A A T  
I V M S A B E R E S E D  
M A E L I D A Y A N A U C A  
I V M A T E R I A L E



**ELIDAYANA**  
**ALEXANDRINO**



DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

DIREITOS RESERVADOS

## **Pinacoteca de Mauá: um acervo que guarda saberes**

**Elidayana Alexandrino**

Esta proposta educativa nasce a partir do contato com o acervo da Pinacoteca de Mauá, fundada em 2003, que atualmente conta com cerca de 500 obras, incluindo esculturas, pinturas, gravuras, desenhos, fotografias e documentos, o que demonstra a diversidade e o comprometimento da instituição com a pesquisa e a difusão de conhecimento.

Contribuir para as práticas educativas nos espaços de educação formal e não formal é um dos objetivos desta proposta, que traz proposições inspiradas em algumas obras presentes no acervo. As atividades podem ser feitas de forma individual ou coletiva, o importante é puxar conversa.

### **Puxando conversa...**

#### **Como preservamos as memórias? E como começa uma coleção?**

Uma coleção pode ser entendida como um documento que apresenta épocas, ideias, técnicas e afetividades. Ela pode refletir também posicionamentos políticos acerca da arte, da cultura e da história. Em resumo, uma coleção começa pelo interesse de cuidar da memória e construir laços com o presente, o passado e o futuro. A coleção da Pinacoteca de Mauá foi oficializada em 2003 e atualmente tem uma variedade de objetos da cultura material, incluindo obras com diferentes linguagens artísticas. Trata-se de um acervo contemporâneo, composto principalmente por obras de artistas em atividade.

Cecília Camargo, museógrafa que atua na Pinacoteca, nos dá um panorama dessa rica coleção:

“A Pinacoteca de Mauá foi criada com o intuito de preservar e difundir obras de artistas da cidade e de artistas de projeção nacional e internacional. Seu acervo foi constituído por obras que já pertenciam ao município, por obras doadas a partir de um esforço colaborativo de vários artistas de projeção nacional e internacional e por obras doadas por instituições que representavam alguns artistas já falecidos. Dessa forma, o surgimento da pinacoteca resulta de um esforço colaborativo.

O acervo da pinacoteca é muito representativo, muito significativo e muito importante nesse sentido, pois abre um diálogo intenso sobre as formas de criação e sobre os diversos tipos de gravura, pintura, escultura e fotografia. Essa variedade cria um diálogo muito interessante entre o público e o acervo.”

## Como garantir o direito à memória?

O ato de colecionar é antigo e está ligado à memória individual e coletiva. Colecionar é guardar o que faz sentido, o que é interessante para uma pessoa ou uma comunidade.

Expor uma coleção é um ato de comunhão, ou seja, uma forma de compartilhar a cultura e torná-la acessível. Esse foi um dos objetivos da exposição **Pinacoteca de Mauá: 20 anos de arte, conexões e memória**, com curadoria de Maria Luiza Meneses e Cecília Camargo, realizada no foyer do Teatro Municipal de Mauá entre março e maio de 2024.

Mas você sabe como as coleções dos principais museus do mundo foram formadas?

É importante ressaltar que os museus, pinacotecas e coleções privadas, como os conhecemos hoje, têm sua origem ligada ao período de invasões de territórios dos continentes da África e da América, entre os séculos XVI e XIX. Muitos objetos foram retirados de seus povos, por meio de saques, dentro do processo violento de colonização e escravidão. Foi assim que alguns países da Europa formaram suas coleções públicas, que até hoje são exibidas mantendo uma curadoria que reforça o apagamento e o silenciamento de populações inteiras.

As apropriações de objetos, muitos deles sagrados, criaram uma lacuna na história da humanidade. A historiografia recente busca problematizar esses acervos, construídos de forma criminosa e, assim, mostrar pontos de vista mais amplos, numa tentativa de se opor a uma narrativa única e construída pelo olhar europeu. Atualmente, há pedidos de repatriação desses objetos. Lideranças políticas, junto a organizações da sociedade civil, pedem que acervos inteiros retornem aos seus países de origem, porque a repatriação é considerada uma forma de reparação e direito à memória. O século XX foi marcado por guerras. Destruir espaços da memória, como igrejas, museus e bibliotecas, também foi uma forma de acabar com a memória das pessoas. Por isso, houve estratégias de preservação, como acervos escondidos ou levados para outras localidades, e casos em que muitas obras voltaram para seus países de origem por meio da repatriação.

Ações como essas demonstram a importância da arte no que diz respeito aos direitos humanos. Afinal, é na arte que está a expressão autêntica de um povo, e preservar as memórias é um ato importante para que as futuras gerações tenham conhecimento do passado e, não só, mas que possam criar e construir dinâmicas no que diz respeito à identidade e ao pertencimento.

## **Colecionar é guardar saberes no corpo?**

Geralmente, as famílias guardam objetos do cotidiano ou de uso doméstico e fotos de comemorações que trazem lembranças de um ente querido ou de algum acontecimento marcante. Esse ato é importante para o processo de construção de identidade. Mas também guardamos saberes no corpo, que são passados por meio da oralidade e da gestualidade. Nesse caso, o que se guarda não é estático e não está fixado em um lugar; está, ao contrário, na ação da vida, expressada e celebrada por meio de diferentes manifestações culturais.

O grupo Samba Lenço de Mauá, registrado como patrimônio da cidade e patrimônio imaterial do Estado de São Paulo, é um exemplo de saber guardado no corpo, pois pratica e preserva a tradição da cultura afro-brasileira por meio da música, com foco em instrumentos de percussão, como pandeiros, caixa, zabumba e chocalho. As letras de suas músicas trazem o cotidiano e expressam a devoção a São Benedito.

Atravessando gerações e deixando um legado de pertencimento e identidade, a origem do Samba Lenço está ligada à resistência e ao enfrentamento da barbárie da escravidão. O grupo surgiu nas zonas rurais paulistas e perdura até hoje por causa do esforço dos descendentes pela manutenção da memória, da cultura e da arte viva do povo da diáspora africana.

O grupo **Samba Lenço de Mauá** esteve presente na abertura da exposição **Pinacoteca de Mauá: 20 anos de arte, conexões e memória**, estabelecendo um diálogo com os propósitos da mostra.

## **Colecionar é guardar histórias**

Colecionar é também guardar histórias que podem ser contadas ao longo do tempo de várias maneiras. Conforme a coleção vai crescendo, novas narrativas podem ser construídas e incorporadas.

## **Formas de expor também contam histórias**

Expor uma coleção significa torná-la pública e acessível para que mais pessoas possam ter contato, aprender ou mesmo desaprender algo com ela.

A escolha de como as obras são apresentadas em um espaço expositivo pode envolver a ideia de uma conversa, em que as obras dialogam umas com as outras e com o público. Às vezes, pode parecer que uma obra não tem nada a ver com outra, porque técnicas diferentes foram utilizadas na sua produção. Entretanto, elas podem apresentar semelhanças simbólicas. Nesse caso, o público é convidado a realizar suas leituras e interpretações e a fabular outros sentidos, estabelecendo uma relação entre o ambiente expositivo e sua vida.

## **Arte como experiência coletiva – o corpo em estado de alegria**



**Puxando a Rede**, Aluísio dos Santos, 1984. Mista sobre madeira, 245 cm x 121 cm.

Sonoridade, ritmo e vibração se fazem presentes nas pinturas de Aluísio dos Santos (1937-1984). As cores, as formas e a estrutura compositiva nos fazem imaginar e sentir essa musicalidade. Na tela *Puxando a Rede*, o artista pinta um grupo de pessoas em um trabalho coletivo, em um mutirão.

Em áreas rurais e litorâneas, ainda existem os cantos de trabalho – que são tradições muito antigas da humanidade –, realizados coletivamente durante o plantio, a colheita, a pesca e a preparação de alimentos. Essa prática serve para dar ritmo, sincronizar os movimentos e organizar o espaço e o tempo do trabalho.

Aluísio dos Santos nos coloca dentro da cena. Sentimos que podemos puxar a rede como as pessoas representadas. Notem os círculos construindo uma atmosfera de união.

Qual música você cantaria para aliviar essa tarefa árdua?

Qual música te deixa em estado de alegria?



**Corpus Christi** - Embu das Artes. Iwao Nakajima, 1998. Acrílica sobre tela, 50 cm x 70 cm.

Na coleção da Pinacoteca de Mauá, há outras pinturas que mostram grupos de pessoas. *Corpus Christi*, de Iwao Nakajima (1954-2011), é uma tela que representa a festa religiosa tradicional católica ligada à Páscoa, palavra que significa passagem e se relaciona com a morte e a ressurreição de Cristo. Nessa festividade, os fiéis criam tapetes com pó de serragem, flores, sal grosso, entre outros materiais. As cenas estão associadas a Cristo e a outras narrativas da Bíblia. *Corpus Christi* significa o Corpo de Cristo.

Nakajima reproduz, a seu modo, a conhecida imagem do Sagrado Coração de Jesus, um coral cantando e a Pomba do Divino Espírito Santo, mas também há na tela os fiéis trabalhando na confecção dos tapetes. Nos detalhes, é possível ver pessoas com carrinhos de mão e instrumentos de trabalho do campo, como o arado.

As festas geralmente exprimem muitas linguagens artísticas e necessitam da coletividade para acontecer. A expressão do povo se materializa na dança, na música, na culinária e na criação de imagens. Percebam que, na pintura, há um fotógrafo no canto direito da tela. Ele está em cima de uma escada registrando o tapete.

Qual será o detalhe fotografado? Você pode fazer esse exercício imaginativo e criar essa cena. Faça uma pesquisa mais detalhada sobre a festa para descobrir quais outros materiais são utilizados na confecção dos tapetes.



**Arte na Praça.** Elvira Sumaco, 1985. Óleo sobre tela, 60 cm x 80 cm.

Elvira Sumaco (1927-2020) tem uma produção significativa de retratos, mas para este material destacamos a tela *Arte na Praça*, na qual, assim como *Puxando a Rede* e *Corpus Christi*, existe a representação de pessoas realizando atividades coletivas.

Na pintura, as palavras “ARTE”, “NA” e “PRAÇA” aparecem em caixa alta na cor vermelha, abaixo do palco onde bailarinas se apresentam. Podemos observar essa tela como um registro ou um documento de um evento ocorrido na cidade. Quando a arte acontece em espaços públicos, ela é democratizada, pois passa a ser acessível a diferentes tipos de público, inclusive a transeuntes. O evento artístico público pode até ter hora marcada, mas é realizado em ambiente aberto, onde tudo pode acontecer.

A arte é intrínseca à natureza humana, é comunicação e existe desde os primórdios da humanidade. Ela está diretamente ligada aos modos de ser e estar em comunidade. No entanto, o que conhecemos como arte hoje é diferente do que nossos antepassados vivenciaram como arte. Atualmente, há uma separação entre arte e vida, que começou a se estabelecer com o advento do capitalismo, um sistema econômico baseado no lucro, na acumulação de dinheiro e na propriedade privada.

Esse sistema dificulta a democratização da arte, que precisa ser vista como um direito e como parte da vida e da política.

Agora reflita sobre como a arte acontece no seu cotidiano. Qual é sua relação com as expressões artísticas?

## A tela como espaço de transformação do tempo e da imaginação



**Mauá Local.** Toshiharu Mitsunaga. 1990. Aquarela, 32 cm x 41 cm.

Toshiharu Mitsunaga (1922 - 2003) pintou várias paisagens de Mauá. Em sua obra, a paineira é a grande contadora de histórias. Há uma série da artista que mostra a transformação urbana com base no ciclo da paineira, nas diversas fases dessa árvore.

Em muitas culturas, a árvore simboliza o tempo, a memória, a vida e seus mistérios. Imagine agora que você está sentado à sombra de uma paineira, que história ela conta? Que lembranças ela compartilha?

Escreva um texto ou poema, desenhe, pinte ou faça uma colagem, se expresse da forma que desejar, para responder a essas questões. Se achar pertinente, convide outras pessoas para imaginar com você.

Vamos ver uma paineira de outro ângulo para aguçar a imaginação.



## O amor é suporte para a memória?



**Marcas Registradas.** Edson Lourenço, 2003. Gravura, 44,5 x 54,5.

A memória é importante porque está relacionada à vida. Quando há omissão e apagamentos de memórias, ocorre uma espécie de morte ou mesmo de assassinato. O direito à memória não é apenas político, ele também está no campo do sagrado.

Na cultura de Kemet (antigo Egito), o coração estava ligado à memória e, portanto, era embalsamado e preservado junto às pessoas que faleciam. Para essa civilização antiga, esse órgão era testemunha da vida das pessoas e a consciência do divino no ser. Todo o sangue passa por ele, então no órgão estariam contidas as histórias das pessoas.

Em papiros que eram colocados junto aos corpos de pessoas falecidas, é comum a representação da pesagem do coração, ao lado dos deuses Osíris e Anúbis. De acordo com as crenças do povo de Kemet, após a morte, o órgão era pesado em uma balança: em um prato, era depositada a pena de Maat, deusa da justiça, e no outro, o coração, representado por um vaso.

Se o coração pesasse mais que a pena, o falecido seria devorado por um animal híbrido. O que estava sendo julgado era a vida do falecido, ou seja, buscava-se saber com essa pesagem se o indivíduo viveu de acordo com os preceitos da justiça e da moral daquele povo e se cometeu algum mal. O simbolismo do coração está relacionado ao centro do ser, e, para diversas culturas e religiões, é nesse centro que nasce o amor.

Na gravura de **Marcas registradas**, de Edson Lourenço (1955-)\*, o artista apresenta uma composição com duas formas semelhantes na cor dourada. A da esquerda é a imagem gráfica da anatomia de um coração, visto de frente. Já a forma da direita é uma paleta de cores, utilizada para misturar tintas. Sobre as formas, na cor preta, está escrita a mesma frase em inglês e em português, TRADE MARKS e MARCAS REGISTRADAS, o que nos leva a refletir sobre o encontro entre imagem e palavra

É possível interpretar a obra de Edson Lourenço de diversas maneiras, mas podemos destacar que o coração é visto como órgão que registra marcas. Que marcas seriam essas? Seriam narrativas? Que narrativas esse coração conta? Que narrativas o seu coração conta?



**Sem título.** Lisa Mangussi, 2005. Pintura com sangue e sutura sobre tecido, 90 cm x 70 cm.

A palavra também se apresenta na obra de Lisa Mangussi (1978-). Diferentemente dos outros trabalhos apresentados aqui, Lisa utiliza um vestido herdado de sua avó e faz nele, na altura do coração, uma pequena sutura com linha preta. Ela escreve com sangue a frase: "Como se a dor calasse / senti um toque suave / de amor na face...".

A artista faz uma intervenção em um objeto de uso cotidiano, dando a ele um novo significado. Na obra, ela faz uso de três verbos: calar, sentir e tocar. O uso desses verbos pode ser interpretado como uma maneira de tornar a memória presente. Algo ausente surge, e esse algo é o amor.

Amor é um sentimento muito explorado na música, na poesia e no cinema, mas ainda é um tema pouco abordado no dia a dia. Muitas pessoas nunca pararam para pensar sobre como amam e como se sentem amadas, porque a impressão que elas têm é a de que nasceram amando, como se o sentimento surgisse naturalmente. Não é assim que acontece, o amor é uma linguagem, e toda linguagem precisa ser ensinada. Além de um sentimento, o amor também está no campo do saber, é um conhecimento humano. Você já se perguntou como o amor acontece em sua vida? Para você, como é estar em estado de amor?

### Como amamos o outro?



**Olhar do outro, estigma do corpo 1.** Nenesurreal 2001-2003. Instalação, cabaças, concreto, sisal, tecido e tela, dimensões variadas.

Ildenira Lopes Sales (1967-), mais conhecida como Nenesurreal, vem de uma família de artistas e é considerada pioneira no grafite em São Paulo. Antes de mergulhar totalmente na arte, foi aprendiz de artesanato de sua avó e trabalhou na área da saúde por vinte anos. Costuma se apresentar assim: “Sou Nenesurreal, mulher preta e periférica, mãe, avó, sapatão, sobrevivente da arte e do grafite.”

A obra presente na coleção é uma instalação que envolve um grupo de esculturas produzidas em concreto e em outros elementos, como madeira, cabaça, tecido, espelho e tela. As esculturas foram feitas por meio de um processo de modelagem de argila para tirar o molde em gesso e concluídas com a técnica de fundição em cimento.

Elas apresentam uma coloração dourada, dando abertura para reflexões sobre diversos simbolismos. O conjunto de esculturas apresenta figuras femininas. São três bustos assentados em troncos de madeira e uma silhueta, disforme e sem rosto, no chão. Acima das esculturas, há uma tela circular e uma parte inferior retangular com pedaços de espelho. É um conjunto bastante emblemático e visualmente impactante.

As figuras femininas remetem a mulheres de culturas africanas e asiáticas. Os corpos representados apresentam intervenções e adornos que podem ser reconhecidos não só como símbolos de beleza, mas também como de violência. A figura da esquerda tem argolas no pescoço, fazendo referência às mulheres do povo Padaung, da Tailândia, e às mulheres do povo Ndebele, da África do Sul. Essas argolas são adornos de identidade e pertencimento social e indicam que a mulher que a usa é casada. A figura da direita apresenta um disco no lábio inferior, adorno que faz parte da cultura do povo Mursi, da Etiópia. A figura do centro é uma escultura de um torso. Na barriga, há formas que indicam escarificações, e, cruzando o torso, há correntes. A figura da parte de baixo tem uma silhueta disforme.

O olhar das figuras são para dentro, introspectivos, como se estivessem longe, distante e pensativas, talvez se lembrando de algo. O título da obra é **Olhar do outro, estigma do corpo**. E quem é o outro? Como o outro olha? Como o outro é olhado? Essas figuras femininas estão colocadas em cima de um tronco, de forma simbólica. Será que o tronco pode ser um trono? Será que estão enraizadas e se comunicando com o interior da terra, como as árvores?

A artista nos oferece muitas possibilidades de conversa, mas há uma conversa em particular muitas vezes difícil de enfrentar, a sobre as narrativas do povo da diáspora africana, que estão cercadas de dor e violência, mas também de luta, enfrentamento e resistência. O sequestro de milhares de pessoas africanas para serem escravizadas nas Américas, no processo de colonização, ainda é omitido e relativizado, porque o racismo faz parte de um sistema de poder que está no imaginário e nas atitudes cotidianas. Há uma política de extermínio da população negra, e as diferentes mídias reiteram o olhar preconceituoso e os estereótipos sobre essa população. Mas como a arte pode nos ajudar no processo de ruptura dessas narrativas coloniais? O que artistas da diáspora africana e de povos originários podem nos contar e estão nos contando hoje?

A obra de Nenessureal nos conta outra história e nos oferece espelhos para que possamos nos olhar e enxergar outras realidades. Seu trabalho é também sobre amor, porque nos convida a olhar para a outridade.

**Falamos sobre muitos assuntos e puxamos muita conversa, então, se tiver curiosidade para saber mais, compartilhamos a seguir algumas referências.**

### **Amor**

NJERI, Aza. *Amor: Um Ato Político-Poético*. In: SANTOS, Franciele M. S.; CORRÊA, Diogo S. (Orgs.). **Ética e filosofia**: gênero, raça e diversidade cultural. Porto Alegre: Editora Fi, 2020.

HOOKS, Bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2020.

### **Arte Corporal**

O Povo Ndebele, cores e traços | Mwana Afrika Oficina Cultural. 26 jun. 2019. 1 vídeo (2 min 25 s). Publicado pelo canal Mwana Afrika. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=47rw\\_JuiM-w](https://www.youtube.com/watch?v=47rw_JuiM-w). Acesso em: 2 out. 2025.

Arte Corporal e Facial em África | Mwana Afrika Oficina Cultural. 16 dez. 2020. 1 vídeo (2 min 21 s). Publicado pelo canal Mwana Afrika. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EL2LtUsHUdw>. Acesso em: 2 out. 2025.

### **Cantos de Trabalho**

Cantos de Trabalho - AULA 14 - Conservatório na Rede 2022. Tatuí, 27 jul. 2022. 1 vídeo (26 min 41 s). Publicado pelo canal Conservatório de Tatuí. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=V\\_j9JTMtF7I](https://www.youtube.com/watch?v=V_j9JTMtF7I). Acesso em: 2 out. 2025.

### **Filosofia em Kemet (Antigo Egito)**

NOGUERA, Renato. A ética da serenidade: O caminho da barca e a medida da balança na filosofia de Amen-em-ope. **Ensaios Filosóficos**, v. 8, p. 139-155, dez. 2013. Disponível em: [https://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo8/noguera\\_renato.pdf](https://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo8/noguera_renato.pdf). Acesso em: 2 out. 2025.

### **Memória e tempo**

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo, poéticas do corpo-tela*. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

### **Museu e Repatriação**

COSTA, Karine L.; PIRES, Kimberly T. A. Repatriação e Restituição de bens culturais: caminhos possíveis. **Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade (RELACult)**, v. 6, p. 1-12, mar. 2020. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1748/1138>.

Acesso em: 2 out. 2025.

GIRAUDY, Danièle. **O museu e a vida**. Tradução: Jeanne France Filiatre Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória; Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; Belo Horizonte: UFMG, 1990.

### **Pinacoteca de Mauá**

PINACOTECA DE MAUÁ. Mauá, 2020. Disponível em: <https://www.pinacotecamaua.com/>.

Acesso em: 2 out. 2025.

### **Samba lenço de Mauá**

SAMBA LENÇO DE MAUÁ | PRODUÇÃO INDEPENDENTE | I Mostra Internacional de Economia Criativa. Mauá, 23 mar. 2021. 1 vídeo (42 min 42 s). Publicado pelo canal Geração Curto Circuito. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pFYbgo9ijpE>. Acesso em: 2 out. 2025.



Elidayana Alexandrino (Paraíba, 1986) é artista visual, educadora e pesquisadora, graduada em Artes Plásticas, licenciada em Educação Artística pela Universidade Braz Cubas (UBC). Desde 2012 atua em museus e centros culturais de São Paulo fazendo visitas educativas, oficinas e curadorias, atualmente vive e trabalha em Suzano. Utiliza a fotografia como suporte de expressão e desenvolve pesquisas em que relaciona imagem, memória e cotidiano, também investiga a relação entre corpo, retrato e natureza.

#### **Ficha técnica**

Maria Luiza Meneses - Gestão executiva e proponente  
Cecília Camargo e Maria Luiza Meneses - Pesquisa e curadoria  
Diego Lorena - Assistência de pesquisa e curadoria  
Barbara Ivo - Produção de exposição  
Victor Santos - Assistência de produção  
Fernanda Gomes - Arquitetura de exposição  
Elidayana Alexandrino - Educativo  
Flavia dos Santos - Conservação e restauro  
Chorão U.E.R e Mônia Campos, Wellington Luz (assistência), Giovane Ramos (assistência) e Casa da  
Costura Magali - Expografia  
Ladun Produções e Montagem - Montagem fina  
Estúdio Verbo - Comunicação  
Carol Gutierrez - Coordenação de comunicação  
Rodrigo Masuda - Identidade e Comunicação visual  
Luiz Soares.- Assessoria de Imprensa  
Alice Julião e Taís Regina - Redes sociais  
Claudia Melo - Fotografia  
Carol Muniz - Contabilidade  
Samba Lenço de Mauá - Participação especial

A exposição “Pinacoteca de Mauá - 20 anos de arte, conexões e memória” e o Material Educativo foram realizados por meio do edital ProAC 33/2023 - Museus: Realização de exposição em Museus, do Governo do Estado de São Paulo por meio da Secretaria da Cultura, Economia e Indústrias Criativas.